

O objetivo do trabalho foi levantar a quantidade de espécies de répteis do Triássico encontrados até o momento, sua procedência estratigráfica, taxonomia, idade, tipo de dentição, hábitos alimentares, distribuição paleogeográfica e paleoambiente, e a paleoflora associada. Para isso, foram feitas consultas bibliográficas, além de entrevistas com pesquisadores de outras instituições. No Rio Grande do Sul, existem muitos fósseis bem preservados, representando a fauna reptiliana do Triássico Médio a Superior (240-209 milhões de anos). Obtivemos como resultado que somente 28 das 37 espécies publicadas são consideradas válidas e que os carnívoros, como hoje, eram menos abundantes em relação aos herbívoros. Comparada aos répteis, a flora triássica apresenta menor número de bibliografias disponíveis. O paleoclima oscilava entre períodos de aridez e de umidade, com regiões desérticas e outras com vegetação exuberante, capaz de sustentar uma grande comunidade de herbívoros de grande porte (PUCRS, PIBIC, CNPq).